

GÊNEROS DOS ESTILOS ORATÓRIOS NO DISCURSO RELIGIOSO EM SANTO AGOSTINHO: A ALEGORIA DO ENVELHECER

Éber José dos Santos¹ – Grupo ERA

Joelma Batista dos Santos Ribeiro² - Grupo ERA

RESUMO

O artigo trata dos gêneros de estilo oratórios adaptados da Retórica Clássica ao discurso religioso cristão sistematizada por Santo Agostinho. É analisado como a retórica sacra foi estruturada a partir dos princípios agostinianos que manteve os estilos simples, temperado e sublime, no entanto voltados para a instrução, a clareza e a persuasão moral. São destacadas as distinções entre a retórica profana e a sacra, sobretudo quanto ao *decorum*, ao *kairós* e ao uso do argumento de autoridade bíblica. A articulação desses elementos é exemplificada por meio da análise de Eclesiastes 12, em que a alegoria do envelhecimento é empregada para instruir, agradar e comover o auditório. Conclui-se que a retórica cristã foi consolidada como instrumento pedagógico e espiritual voltado à conversão e à prática virtuosa.

Palavras-chave: Retórica. Discurso Religioso. Santo Agostinho. Estilos Oratórios. Envelhecer.

ABSTRACT

The article examines the genres of oratorical style adapted from Classical Rhetoric to Christian religious discourse as systematized by Saint Augustine. It analyzes how sacred rhetoric was structured on Augustinian principles, which preserved the simple, temperate, and grand styles, yet oriented them toward instruction, clarity, and moral persuasion. The distinctions between secular and sacred rhetoric are highlighted, particularly with regard to *decorum*, *kairos*, and the use of biblical authoritative argumentation. The articulation of these elements is illustrated through an analysis of Ecclesiastes 12, in which the allegory of aging is employed to instruct, please, and move the audience. It is concluded that Christian rhetoric was consolidated as a pedagogical and spiritual instrument directed toward conversion and virtuous practice.

Keywords: Rhetoric. Religious Discourse. Saint Augustine. Oratorical Styles. Aging.

Considerações Iniciais

Desde a Antiguidade, a função da retórica tem sido a de aprimorar a arte de persuadir por meio do uso eficaz da linguagem. Na Grécia, ela surge como instrumento essencial para a vida pública e democrática, permite que os cidadãos participem

¹ Endereço eletrônico: ejsantos2010@gmail.com

² Endereço eletrônico: joelma.bsr@gmail.com

ativamente dos debates políticos e jurídicos. Em Roma, assume também um caráter moral e educativo, é vista como ferramenta para formar oradores virtuosos e responsáveis. Assim, desde seus primórdios, a retórica cumpre a função de articular pensamento e expressão ao orientar o discurso não apenas para convencer, mas também para promover o diálogo, a reflexão e a construção do saber coletivo.

Nos discursos religiosos, especificamente os de base cristã, os quais nos ocupamos neste artigo, essa arte oferece técnicas de expressão clara, bela e persuasiva que auxiliam na pregação e no ensino. Santo Agostinho (354 – 430 d.C.), precursor da retórica cristã, adapta a tradição da Retórica Clássica ao serviço da fé, defende que essa deve ser engajada ao serviço da verdade, isto é, Deus, por meio de um orador zeloso (Agostinho, 2002, p.209).

Na perspectiva agostiniana, o brilho do discurso não deve recair sobre o orador, mas sobre a comunicação eficaz da crença, portanto, no conteúdo. Dessa forma, aponta na obra “A doutrina Cristã”, que o orador deve ensinar, agradar e comover (*docere, delectare, movere*), preceitos ensinados pelo retor latino Cícero (106–43 a.C.). Esses objetivos do orador correspondem aos estilos do discurso: simples, médio e sublime que têm a finalidade de fazer o uso apropriado e harmônico do discurso, foco da retórica agostiniana.

É, pois, com ímpeto investigativo que nos debruçamos sobre a obra de retórica de Santo Agostinho “A doutrina cristã” com o objetivo de verificar a abordagem que o autor faz dos gêneros de estilos, dadas as peculiaridades do discurso religioso. Apesar do clérigo ter como base os estudos da retórica latina, especialmente do retor romano Cícero, realiza algumas adaptações nas aplicações dos estilos ao discurso religioso, uma vez que a realidade e o objetivos que propõe o uso da retórica se diferem.

Portanto, a fim de confirmar as constatações realizamos a análise de um recorte do texto sagrado que se encontra no livro bíblico de Eclesiastes, capítulo 12. O tom do texto é exortativo dirigido aos jovens para que aproveitem a mocidade e acatem os preceitos do Criador, para isso utiliza o recurso retórico da alegoria, na elocução, para descrever a degeneração do envelhecimento físico. Assim, o estilo temperado é largamente utilizado nas construções metafóricas. No desfecho, o orador utiliza o estilo sublime ao incutir, ainda por meio de metáforas, o temor no auditório ao tratar da finitude da vida.

Com o objetivo de melhor expor este estudo de ordem qualitativa dividimos o artigo da seguinte forma: a) Retórica Cristã e breve explanação da diferença da retórica profana e a retórica sacra; b) Os estilos na Retórica Cristã e as contribuições da Retórica Latina; c) Apresentação e análise do recorte; d) Conclusão. Para tanto, utilizamos como arcabouço teórico os autores: Agostinho (2002), Cícero (1988 e 2005) e Tringali (2014).

Retórica Sacra e Retórica Profana e suas nuances

A Retórica Sacra foi instituída por Santo Agostinho, a partir de sua obra “A doutrina cristã”, manual do orador sacro, conforme pontua Tringali (2014). Tecnicamente, ela não difere da Retórica Profana, uma vez que mantém os cânones da antiguidade como a invenção, a disposição, a elocução, a memória e a ação, o que significa dizer que o orador do campo religioso se apoia, também, fundamentalmente nessas etapas para elaborar e proferir o seu dizer, de modo a mover, agradar e ensinar o seu auditório. Em termos de função, ambas as retóricas também possuem similitudes: estão sempre a serviço da defesa de uma tese ou de uma verdade.

Entretanto, quando comparadas, a Retórica Sacra apresenta particularidades, visto que tem de obedecer mais rigorosamente aos princípios que regem as leis do *decorum* e *kairós* e se pautar mais no conteúdo que na expressão, isto é, o dizer tem de ser ou parecer credível para o auditório e se preocupar menos com os ornamentos que o embelezam.

De acordo com Mendes (2016), o termo *decorum*, que permeia a Retórica Clássica grega e foi adaptado para a Retórica Sacra, significa adequação, propriedade e costume. Na prática, o orador deve escolher, com muito mais cuidado, o que é mais adequado ao gênero retórico a que se propõe discursar – deliberativo, judiciário ou epidítico – seja no estilo, nas figuras retóricas, nos argumentos, nos lugares e nas provas intrínsecas – *ethos*, *pathos* e *logos*. Conforme ensina Aristóteles (2012), ele precisa ter um *ethos* positivo (*phrónesis*, *eunoia*, *areté*)³, suscitar emoções apropriadas, sobretudo no momento da peroração, do apelo, e, ainda, valer-se de um discurso consistente, tudo para cumprir a eficácia retórica: persuadir o auditório a seguir um caminho de retidão e de virtudes. Em outras palavras, por pregar a necessidade de uma mudança de comportamento, o orador sacro precisa ser mais cauteloso no dizer se comparado ao orador da retórica profana.

³ Sobre os aspectos do *ethos* (*phrónesis*, *eunoia*, *areté*) no gênero epidítico, recomendamos a leitura do texto de Ribeiro e Magri (2019) – Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/06-21827/>.

No que concerne ao *kairós*, o orador sacro tem de estar atento à importância da ocasião, do lugar, do orador e do público, isto é, do momento oportuno (Mendes, 2016). Há dizeres que são mais cabíveis em determinados pontos de um sermão, por exemplo; há outros que podem suscitar emoções contrárias em determinados públicos e ocasiões. Nesse sentido, como o objetivo do discurso sacro sempre é o de indicar um caminho que conduza o fiel à vida eterna, que desvia dos vícios, é de extrema relevância que o orador sacro conheça bem o seu auditório, como pondera Pinheiros (2004), a fim de que, no momento da invenção, busque em seu armazém de argumentos, aquilo que seja mais oportuno e que tenha um poder persuasivo maior. Igualmente, como o discurso sacro louva as virtudes e vilipendia os vícios, o *decorum* e o *kairós* se potencializam e colaboram para a eficácia retórica.

Tringali (2014) contribui ainda mais e acrescenta que há outros dois pontos que diferenciam a retórica sacra da profana: conteúdo e clareza. No discurso sacro, o que deve prevalecer é a essência e não a eloquência, conforme já dito, ao contrário da profana que pode ser ornamentada com elementos linguísticos mais elaborados. Na oratória sacra, falar em estilo simples é ser eloquente, já dizia Agostinho (2002). Além disso, o discurso deve primar pela clareza, com dizer que segue uma sequência lógica, ordem direta, sem muitas digressões, afinal, é preciso objetividade, sem deixar impressão no auditório de um discurso enfadonho, que dificulta a interpretação.

Ainda, a Retórica Sacra se diferencia da profana por basear-se na potência da argumentação extrínseca, assim, o argumento principal é o de autoridade, assentado na Bíblia Sagrada, além de exigir que o orador seja um exemplo para a comunidade (Tringali, 2014). Se ele instrui o auditório a seguir o caminho excelente, conforme pregava o Apóstolo Paulo, necessariamente precisa ser como um espelho para os fiéis, os quais devem tê-lo como modelo a ser seguido (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2014). Isso tem relação direta com o *ethos*, afinal, “persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé” (Aristóteles, 2012, p. 13).

Por fim, uma observação de Agostinho (2002, p. 233) faz todo sentido: “ao visar a instrução, o orador, enquanto não for compreendido, deve julgar que ainda não disse o que pretendia dizer ao auditório que deseja ver instruído”. Por essa razão, o *decorum* e o *kairós* são tão importantes, pois, por meio deles, o orador pode realinhar detalhes do discurso, adequar-se para atingir o seu objetivo precípuo: instruir sobre a verdade.

Os gêneros dos estilos oratórios: instruir, agradar e convencer

De acordo com a tradição retórica, o primeiro estudo que se tem registro sobre os gêneros dos estilos oratórios é o de Teofrasto, discípulo de Aristóteles, cuja classificação se baseia no grau de requinte da elaboração da elocução do discurso. Ele classifica três estilos de discursos: simples, médio e sublime (Tringali, 2013, p. 177). Essa forma de tríade classificatória dos estilos oratórios predomina nos demais estudos e tratados de retórica subsequentes.

No tratado de retórica latina, escrito por volta de I a.C., intitulado “Retórica a Herênio” cuja autoria foi inicialmente atribuída a Cícero, mas posteriormente reconhecida como anônima, encontramos uma abordagem que foi largamente usada durante a Idade Média (Paglialunga, 2009, p. 217):

Há três gêneros, que denominamos figuras, aos quais todo discurso não vicioso se reduz: um chamado grave, outro médio e o terceiro ténue. O grave é composto de palavras graves em construção leve e ornada. O médio constitui-se de uma categoria de palavras mais humilde, todavia não absolutamente baixa e comum. O atenuado desce ao costume mais usual da simples conversa. (Herênio 4.,8.11, grifos nossos)

Cícero também adota uma divisão tripartida, citada três vezes na obra “De oratore” (3.177;199;212). No entanto, o orador enfatiza a importância da adaptação de cada variação de estilo conforme o conteúdo abordado e a intenção do orador. Na mesma obra, o retor romano trata das funções do orador: a) *probare*, também enunciada com o verbo *docere*, provar que o que se diz é verdade; b) *delectare* ou *conciliare*, intenção de produzir prazer quanto à ideia de provocar na audiência uma atitude favorável à causa defendida; c) *flectere* “dobrar”, “*inclinare*”, que também se enuncia com *movere animos*, ou seja, “comover os sentimentos” o que aponta para a necessidade de suscitar nos ouvintes aquelas emoções necessárias para alcançar uma persuasão eficaz.

Nos registros da obra “Orador” (69), Cícero afirma que cada uma das funções do orador corresponde a um estilo: “preciso na hora de provar; mediano na hora de agradar; veemente na hora de convencer, que é onde reside toda força do orador”. Ele lembra, porém, que é necessário empregar com discernimento o estilo conveniente para cada

situação, não apenas as ideias, mas também, as palavras, as circunstâncias, as pessoas: a idade, a classe e o prestígio social dos que falam e dos que ouvem.

Os estudos de Cícero e a obra “Retórica a Herênio” exercem grande influência na retórica de Agostinho, uma vez que se tornam a base de seus ensinamentos aos oradores da igreja, os clérigos. Em “A doutrina Cristã”, Agostinho dedica os três primeiros livros ao ensino hermenêutico dos textos sagrados e reserva o quarto livro à orientação de como o orador deve expô-los ao auditório. Para isso, recorre às bases da retórica latina, da qual, antes de se tornar cristão, fora professor, com o intuito de ensinar a eloquência.

O bispo de Hipona defende a utilização da retórica pelos oradores da igreja ao afirmar que muitos a empregam para propagar a maldade e a mentira, e essas por serem bem expostas, são aceitas. Assim, questiona por que a verdade, pura e sublime, não poderia utilizar os mesmos recursos para ser devidamente apresentada e acolhida de bom grado. Também argumenta que a retórica é adequada ao orador cristão, uma vez que a sua tarefa trata de “conquistar o hostil, motivar o indiferente e informar o ignorante sobre o que deve ser feito e esperado” (Agostinho, 2002, p.211).

Contudo, o clérigo esclarece que a sabedoria deve se sobrepor à forma, pois não há vantagem em o orador ser eloquente se expõe inutilidades. Cabe-lhe, portanto, ser fiel às palavras das Escrituras, ainda acrescenta: “o orador que deseja falar, não somente com sabedoria, mas também com eloquência, será mais útil se puder empregar essas duas coisas. Aconselho-o, pois, a ler, a escutar, a imitar com exercícios os homens eloquentes...” (Agostinho, 2002, p.213).

Como mencionado, Agostinho parte da classificação de Cícero para abordar os três objetivos do orador: instruir, agradar e convencer. Entretanto, ele evidencia que a verdade deve guiar o orador, pois é o seu principal objetivo é instruir, uma necessidade, depois agradar e comover, se for preciso persuadir o auditório. Segundo afirma, muitas vezes o orador precisa tocar “o espírito dos ouvintes não para saberem o que têm de fazer, mas para que se determinem a cumprir o que já sabem ser seu dever” (Agostinho, 2002, p.234), nesse caso, portanto, utilizará recursos que agradarão e convencerão o auditório.

Muitos oradores seculares, comenta o bispo de Hipona, colocam sua glória na eloquência e se vangloriam nos panegíricos e discursos semelhantes, nos quais os ouvintes não precisam ser instruídos e nem levados a mudança de comportamento, mas apenas deleitam-se com a forma. No entanto, esclarece que não é assim na retórica cristã

que propõe, pois, esta visa tornar amada a virtude e evitado o vício (Agostinho, 2002). Essa deve ser a finalidade do emprego dos recursos oratórios.

Ao tratar dos objetivos do orador, relaciona-os aos gêneros de estilos, como o fez Cícero, mas antes adverte que o orador deve ser escutado com entendimento, prazer e docilidade. Se o fizer de forma apropriada e harmoniosa poder-se-á ser considerado eloquente. É curioso notar que Agostinho não menciona os gêneros retóricos aristotélicos, o que sugere que considera que a persuasão e a clareza do discurso religioso independem da identificação formal do gênero oratório. Para ele, aspectos como elocução, clareza, sabedoria do orador e eloquência são mais pertinentes à análise e à exposição do discurso sagrado.

A classificação dos gêneros de estilo em Agostinho consiste em: simples, temperado e sublime. O estilo simples relaciona-se à instrução, pois expõe ideias e conduz à compreensão. Esse estilo se propõe a eloquência e a sabedoria, uma vez que o que é entendido com simplicidade, logo é assimilado. Também leva o orador a ser escutado com atenção e, por não ter compromisso com a pomposidade, desfaz os “nós das questões”, e ainda, pode resolver outras que se apresentem ou sejam contraditas.

Cícero em “De Oratore” menciona que o estilo simples trata de questões menores, contrariamente ao que Agostinho (2002) traz na sua retórica, na qual instruir é a principal função do orador da Igreja, pois de nada aproveita agradar e comover, se o auditório continua ignorante do que é para ser feito. Assim, a retórica, no viés agostiniano busca cumprir, primeiramente, a função pedagógica (Ribeiro e Santos, 2025, p. 251).

O estilo temperado tem a finalidade de agradar os ouvintes e mantê-los atentos ao discurso. Esse estilo refere-se à maneira de exposição, à elegância e à distinção. Por provocar prazer ao auditório, ele pode censurar ou louvar, uma vez que algumas pessoas “sob o encanto da eloquência, não somente sentem prazer em ser elogiadas e repreendidas, como ainda desejam viver de maneira decente, abstendo-se de viver de modo irrepreensível” (Agostinho, 2002, p.266). Agostinho distingue, entretanto, o emprego do estilo temperado pelos autores profanos e pelos cristãos:

Por outro lado, a eloquência do gênero temperado não se apresenta ao orador da Igreja sem ornamentos, se ela sabe revestir-se deles convenientemente. Ela não procura agradar, como faz a eloquência dos autores profanos, tende também a se fazer escutar com docilidade, a inspirar ao ouvinte apego sincero e irremovível para as coisas que

louva, e o afastamento e horror daquelas que condena.
(Agostinho, 2002, p.270)

Na perspectiva agostiniana o estilo temperado tem a função de inspirar o auditório para aproximar-se do bem, da virtude, da retidão moral. O prazer estético provocado pelos recursos do ornamento como as figuras, por exemplo, não deve ter um fim em si mesmo, mas provocar a docilidade no auditório e, também, fazer retumbar em adoração e na confirmação da fé.

O estilo sublime, por sua vez, é empregado para mover e convencer o auditório que reconhece a verdade e o encanto do discurso, todavia não quer adaptar a sua conduta a ele, converter-se. Nesse caso, o orador encarrega-se, por meios oratórios passionais que comovam o coração endurecido a fim de levar à ação. O orador deve executar o discurso com docilidade, pois sua missão consiste em convencer o auditório a fazer o que, muitas vezes, sabe ser de seu dever fazer, no entanto, negligencia. Esse estilo pode usar ornamentos, no entanto seu alvo é inflamar os corações.

Apesar de a base de estudos de retórica agostiniana ser ciceroniana, a visão sobre a importância dos assuntos abordados nos discursos por Cícero se difere da de Agostinho devido, não somente a distância temporal que os afastam, mas aos contextos dos discursos: Cícero ocupava-se predominantemente dos discursos forenses e políticos e Agostinho dos religiosos. Cícero defende a classificação dos assuntos em: pequenos, são aqueles que tratam de dinheiros e outros assuntos triviais; grandes, os que dizem respeito à liberdade e à vida humana; médios, são os que não necessitam de uma decisão, mas encantam pela linguagem (Agostinho, 2002). Contrariamente, o bispo de Hipona declara que todo assunto tratado em suas reuniões ao povo são grandes assuntos, pois referem-se à salvação eterna:

Em nossas reuniões, ao contrário, considerando que todos os assuntos se estendem – sobretudo quando falamos ao povo, mantendo-nos em lugar mais elevado – a respeito da salvação eterna dos homens e não sobre a temporal; e sobretudo considerando que pomos os homens em guarda contra a morte eterna, nós não tratamos a não ser de grandes assuntos.
(Agostinho, 2002, p.242 e 243)

No entanto, o bispo adverte que, embora o orador tenha sempre questões importantes para tratar não o deve fazer todas as vezes em estilo sublime, mas em estilo simples se tiver que ensinar; em estilo temperado se tiver que censurar ou elogiar e,

quando for determinar à ação ao auditório resistente. Assim, para expor as grandes verdades deve utilizar o estilo sublime e os acentos próprios para comover os corações e fazer voltar os espíritos desviados.

O bispo de Hipona adequou a retórica latina ao emprego da fé cristã ao fazer alguns ajustes e inserir algumas questões da ética cristã, como integridade do orador e a prática religiosa da oração. É latente que na instrução do emprego dos estilos oratórios o clérigo é claro ao frisar que a função pedagógica, a instrução, é o principal objetivo (estilo simples), no entanto, há a necessidade, muitas vezes, de convencer o auditório (estilo sublime) com as emoções e agradá-lo (estilo temperado) com o discurso para mantê-lo dócil. Nuances do estilo que analisaremos no recorte do discurso analisado na próxima seção.

A alegoria do envelhecer: a interação dos gêneros dos estilos na perspectiva agostiniana

Eclesiastes, escrito entre os séculos IV e III a.C., é um livro bíblico do Antigo Testamento cuja autoria, tradicionalmente, é atribuída ao Rei Salomão. Há menção, no primeiro capítulo, de que quem o escreve é o rei de Israel em Jerusalém, o filho de Davi. No entanto, a maior parte dos pesquisadores acadêmicos contemporâneos entende essa referência como um caso de pseudonímia literária. “Qohelet” ou “Coélet”, o nome ‘hebraico usado pelo autor, parece ser um título (“aquele que convoca a assembleia”, “pregador”, “orador”), e não um nome próprio. Segundo Eaton (1989), estudos linguísticos, estilísticos e socioculturais sugerem que o texto foi composto por um autor judeu erudito posterior ao período monárquico de Israel, provavelmente pertencente aos círculos sapienciais do pós-exílio.

Este livro, juntamente com os livros de Provérbios e Jó, forma a literatura sapiencial bíblica, caracterizada por uma reflexão existencial que contempla a transitoriedade da vida, o limite do conhecimento humano, a inconsistência entre justiça e destino humanos, a inevitabilidade da morte e a busca pela sabedoria prática em um mundo que não oferece garantias. Por isso, Eclesiastes, especificamente, parece oferecer uma visão pessimista sobre a experiência humana, mas também aponta, em alguns momentos, para o valor moderado da vida, do trabalho e do temor a Deus.

O recorte que analisamos do capítulo 12,1-8 é o encerramento da reflexão de Coélet, o orador. Nele é tratada a inescapabilidade da morte e a deterioração progressiva do corpo humano; esse processo é descrito por meio da alegoria⁴ que emprega uma sequência de metáforas⁵.

Lembra-te do teu Criador nos dias da mocidade,
antes que venham os dias da desgraça
e cheguem os anos dos quais dirás: “Não tenho mais prazer.”
Antes que se escureçam o sol e a nuvens depois da chuva;
No dia em que os guardas da casa tremem
e os homens fortes se curvam,
em que as que as que moem, pouco numerosas, param,
em que as que olham pela janela perdem seu brilho.
Quando se fecha a porta da rua
e o barulho do moinho diminui
quando se acordo com o canto do pássaro
e todas as canções emudecem;
quando se teme a altura
e se levam sustos pelo caminho,
quando a amendoeira está em flor
e o gafanhoto torna-se pesado
e a alcaparra desabrocha,
é porque o homem já está a caminho da sua morada eterna,
e os que choram sua morte começam a rondar pela rua.
Antes que o fio de prata se afrouxe
e a taça de ouro se parta,
antes que o jarro se quebre na fonte
e a roldana rebente o poço,
antes que o pó volte à terra de onde veio
e o sopro volte a Deus que o concedeu.
Vaidade das vaidades – diz Coélet – tudo é vaidade. (Eclesiastes
12,1-8 – tradução Bíblia de Jerusalém)

O orador se dirige ao auditório no tom exortativo, mas de maneira singela, sem a utilização de recursos retóricos mais complexos, não há preocupação com a pomposidade ou com a beleza da forma. O estilo simples é evidenciado no exórdio “Lembra-te do teu Criador nos dias da mocidade, antes que venham os dias da desgraça e cheguem os anos

⁴ Alegoria: Segundo Fiorin (2016), é um texto que na sua integralidade constitui-se uma metáfora. A fábula, por exemplo, tem na sua moral uma leitura metáfora narrada pelo eixo figurativo, portanto é um tipo de alegoria.

⁵ Metáfora: é “um tropo em que se estabelece uma compatibilidade predicativa por similaridade, restringindo a extensão sêmica dos elementos coexistentes e aumentando sua tonicidade” (Fiorin, 2016, p.34)

dos quais dirás: “Não tenho mais prazer”. O propósito é fazer-se entendido, pois a finalidade é de instruir o fiel a reconhecer a brevidade da vida e a necessidade da fé prática. Conforme Agostinho (2002, p.251) “de nada aproveita agradar e comover se o auditório permanece ignorante do que dever ser feito”. Portanto, o verbo “lembrar” empregado tem o sentido profundo de viver de acordo com os preceitos do Criador.

No entanto, ao descrever os dias maus, o envelhecimento, o orador utiliza o estilo temperado, por meio do qual constrói um quadro poético e alegórico da decadência física decorrente do avanço da velhice. Segundo Agostinho (2002, p. 270), esse estilo “procura agradar o ouvinte, inspirando-lhe docilidade e adesão sincera às coisas que louva e repulsa às que condena”.

A metáfora é empregada na alegoria como recurso retórico, na qual a degeneração senil do corpo é assemelhada, primeiramente, às funcionalidades das partes de uma casa:

No dia em que os guardas da casa tremem
e os homens fortes se curvam,
em que as que as que moem, pouco numerosas, param,
em que as que olham pela janela perdem seu brilho.
Quando se fecha a porta da rua
e o barulho do moinho diminui

Assim, mãos e pernas fracas correspondem aos guardas da casa e aos homens fortes; a perda dos dentes, à escassez dos que moem; a falta de nitidez da visão, ao brilho que não se vê pela janela; e a perda progressiva da audição é apresentada como o fechamento da porta da rua, que faz o som do moinho diminuir.

Também são utilizados pelo orador elementos da natureza nas construções metafóricas:

quando se acorda com o canto do pássaro
e todas as canções emudecem;
quando se teme a altura
e se levam sustos pelo caminho,
quando a amendoeira está em flor
e o gafanhoto torna-se pesado
e a alcaparra desabrocha,

O sono leve interrompido pelo canto do pássaro; a impossibilidade de enfrentar ladeiras, pois se as teme devido à altura; os cabelos brancos simbolizados pela amendoeira em flor; a falta de força a ponto de um gafanhoto tornar-se pesado; e a relação metafórica com o desabrochamento da alcaparra que murcha para logo perecer, assim como o homem

idoso vê o declínio de suas forças vitais e de seus apetites (Eaton,1989), pois aproxima-se da finitude.

O estilo temperado, portanto, não é um fim em si mesmo por despertar o prazer pela forma, mas um meio para atrair o auditório à exortação exposta. Dessa forma, a beleza do texto tem a função pastoral: leva o leitor a perceber, com leveza e emoção, a transitoriedade da vida e a sabedoria de viver conforme a vontade divina, pois desperta a docilidade espiritual por meio do encanto poético.

Além de empregar metáforas referentes a uma casa e à natureza, o orador recorre aos elementos utilizados na rotina daquela época para trazer para perto da realidade do auditório a questão da morte. A partir desse ponto, o orador passa a desenvolver o discurso no estilo sublime, pois injeta a paixão do temor⁶:

Antes que o fio de prata se afrouxe
e a taça de ouro se parta,
antes que o jarro se quebre na fonte
e a roldana rebente o poço,
antes que o pó volte à terra de onde veio
e o sopro volte a Deus que o concedeu.
Vaidade das vaidades – diz Coélet – tudo é vaidade

A metáfora do fio de prata simboliza uma lâmpada luxuosa pendendo no teto. Sua corrente foi arrancada de maneira que caiu no chão, seu azeite se foi e também sua luz, símbolo da vida, se apagou. O jarro que carrega a água (vida) não o pode mais fazê-lo, nem a água ser tirada do poço, pois a roldana está quebrada (Eaton,1989). Em síntese, não haverá mais vida, pois o sopro, a alma, voltará a Deus.

O estilo sublime pode utilizar o ornamento no discurso, no entanto o essencial é seguir “o movimento inflamado do coração” (Agostinho, 2002, p, 252). O orador não apenas descreve o envelhecimento, mas também traz imagens da morte por meio das metáforas que inculcam o temor no auditório. Dessa forma, a comoção conduz o auditório à ação de mudança de comportamento ao acatar os preceitos do Criador. Agostinho afirma que o orador cristão deve usar esse estilo “para mover os corações endurecidos e conduzir os ouvintes à ação” (Agostinho, 2002, p.243).

Podemos vislumbrar nesse recorte a utilização dos três estilos: o simples para ser claro acerca do que instrui, a exortação para ser observador da lei do Criador; o temperado

⁶ Temor: Temor: certo desgosto ou preocupação resultantes da suposição de um mal iminente, ou danoso ou penoso (Aristóteles, 2000, p. 31)

para conquistar a docilidade do auditório por meio dos recursos que empregam beleza ao discurso, com a alegoria e as metáforas. Também, o sublime que, por meio da comoção, medo, conduz o auditório a ação que seria acatar, reverenciar e obedecer ao Criador ainda na juventude. Agostinho (2022) orienta que a cerca de uma mesma questão importante há de se utilizar os três estilos, sendo: o simples para instruir; o temperado para enaltecer, e o sublime para fazer converter um espírito desviado. Também afirma que o orador não deve sempre utilizar o estilo sublime, mas o estilo adequado ao objetivo.

Dessa forma, constata-se que o orador de Eclesiastes utiliza, muitos anos antes da existência do bispo de Hipona, os gêneros de estilos conforme teorizado pela retórica cristã de agostiniana.

Considerações finais

A análise realizada evidencia que a retórica cristã, particularmente na formulação de Santo Agostinho, constitui uma reinterpretação criteriosa da tradição clássica adaptada ao horizonte teológico e pastoral da Igreja. A partir do estudo do capítulo 12 de Eclesiastes, foi possível observar a articulação entre os três estilos oratórios: simples, temperado e sublime que foram empregados de maneira funcional e coerente com o propósito moral e espiritual do discurso sagrado. A combinação entre clareza, beleza e comoção revela não apenas a dimensão estética da retórica cristã, mas sobretudo seu caráter pedagógico e transformador, orientado para a conversão do auditório. Agostinho demonstra que a eloquência, quando submetida à verdade e à caridade, torna-se instrumento legítimo de edificação espiritual, capaz de mover o fiel à ação virtuosa. A investigação, portanto, contribui para compreender o modo como a tradição cristã e a retórica latina se entrecruzam na formação da retórica cristã, reafirmando a relevância desse campo para os estudos discursivos e, até mesmo, teológicos contemporâneos.

Os gêneros dos estilos oratórios em Agostinho diferem da Retórica Clássica por proporem um compromisso primeiro com a instrução das doutrinas expostas e com o caráter do orador. Dessa forma, na visão agostiniana a beleza do discurso não é prioridade, porém a injeção de paixões pode ser necessária se os discursos encontrarem corações duros e obstinados, de modo que, na visão do bispo de Hipona, é necessário não apenas instruir, mas agradar e comover. Os estilos estão intimamente relacionados com os objetivos do orador: instruir ao estilo simples, agradar ao estilo temperado e comover (converter) ao estilo sublime. Os dois últimos só devem ser usados se necessários, quando

o auditório negligencia o que sabe ser seu dever fazer e não o faz. Na perspectiva agostiniana, os gêneros de estilos podem interagir em diferentes partes do mesmo discurso, a depender da necessidade do orador. Dessa forma, os estilos oratórios na retórica cristã de agostinho herdam as diretrizes da Retórica Latina, principalmente de Cícero e de Retórica a Herênio; entretanto, há algumas ressalvas e adaptações aos preceitos da fé e doutrina cristã como a ênfase na instrução e a integridade e sabedoria do orador, por exemplo.

Referências

AGOSTINHO, Santo. A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã. Tradução de Ir. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Martins Fontes, 2012. (Coleção obras completas de Aristóteles).

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. Português. Nova edição, revista e ampliada. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

CICERÓN. **De oratore**. Libros 1, 2 y 3. Traducción al inglés de E. W. Sutton (libros 1 y 2) y H. Rackham (libro 3), introducción de H. Rackham. Cambridge (Mass.): Harvard University Press; Londres: W. Heinemann, 1988.

CICERÓN. **El orador**. Traducción E. Sánchez Salor: Alianza Editorial Madrid: Fernández Ciudad, 1991.

[CÍCERO]. **Retórica a Herênio**. Tradução Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

EATON, Michael A; CARR, G. Lloyd. **Eclesiastes e Cantares**: introdução e comentários. Tradução Oswaldo Ramos. São Paulo: Mundo Cristão e Edições Vida Nova, 1989.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2016.

MENDES, Eliana Amarante de Mendonça. Sobre o *decorum*: dos clássicos à pós-modernidade. **Revista Quaestio Iuris**, v. 9, n. 3, p. 1321-1343, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rqi.2016.20248>. Acesso em: 16 jun. 2025.

PAGLIALUNGA, Esther Lydia. La Teoría del estilo em la Retórica gregorromana. **Literatura**: teoría, historia, crítica. Bogotá, n.º 11, páginas 205-235, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5037/503750725007.pdf>. Acesso em: 19 out. 2015.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PINHEIRO, Marcus Reis. Kairós e retórica no Fedro. **Ideias**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 179-192, 2004. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8678101/34805>. Acesso em: 14 jun. 2025.

RIBEIRO, Joelma; MAGRI, Mariano. A manifestação do *ethos* nos gêneros retóricos. In: FERREIRA, Luiz Antonio (Org.). **Inteligência retórica: o *ethos***. São Paulo: Blücher, 2019. Disponível em:
<https://www.estudosretoricos.com.br/storage/uploads/files/livros/inteligencia-retorica-o-ethos.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2025.

RIBEIRO, Joelma; SANTOS, Éber. Gênero epidítico como discurso pedagógico: elogios e admoestações na carta apocalíptica a Pérgamo. In: SANTOS, Éber José dos; FERREIRA, Luiz Antonio (Orgs.). **Gêneros retóricos: epidítico**. São Paulo: Pontes, 2025.

TRINGALI, Dante. **A retórica antiga e as outras retóricas: a retórica como crítica literária**. São Paulo: Musa, 2014. (Musa ler os clássicos)